

Bandidos assassinaam dezasseis pessoas

★ Mais de meia centena de feridos nos dois ataques Dom. 19/2/89

Pelo menos 16 pessoas morreram e um elevado número ficou ferido em consequência de dois ataques separados perpetrados pelos bandidos armados contra a Aldeia de Mumemo, no distrito de Marracuene, ocorrido na última terça-feira e a um comboio de passageiros na sexta-feira em Movenene, a 55 quilómetros da capital do País.

De acordo com uma fonte do Hospital Central do Maputo, durante a noite de sexta-feira deram entrada naquele estabelecimento hospitalar 51 feridos, dentre os quais 17 receberam alta depois de serem assistidos e os restantes permanecem internados nas enfermarias.

Este ataque contra um comboio de passageiros é o segundo em menos de duas semanas. Na altura do incidente o comboio dirigia-se para Maputo vindo de Resano Garcia.

ATAQUE A MUMEMO

Um grupo de bandidos armados assassinou a sangue-frio oito pessoas (dois anciãos e seis mulheres) e feriram outras quatro (duas senhoras e duas crianças, uma das quais de 6 meses) quando, na noite da última terça-feira, assaltou a aldeia comunal de Mumemo, a 25 km a nordeste de Maputo e a cinco quilómetros a sueste da sede do distrito de Marracuene.

Conforme constatou a nossa reportagem quando na manhã de quarta-feira esteve naquele local, os criminosos, além dos assassinatos, raptaram muitas pessoas cujo número ainda não foi determinado, assaltaram e queimaram numerosas casas, tendo roubado ainda mais de cinquenta cabeças de gado, da população.

Depoimentos colhidos em Mumemo apontam que os bandoleiros chegaram e acamparam nas proximidades ao fim da tarde, esperando

pelo silêncio da noite, para perpetrarem as suas atrocidades. Assim, pouco depois das 20 horas, já a coberto da escuridão, assaltaram a aldeia. Soubemos ainda que o grupo estava dividido em três subgrupos: um de assalto, outro de rapto e o último de roubo.

Américo Tembe, um ancião, morador da aldeia, que escapou ileso aos criminosos, contou-nos que naquele fim de tarde, os moradores já desconfiavam do movimento e, por isso mesmo, abandonavam as casas em busca de melhores abrigos no mato.

Eu ia também dormir no mato, com a minha mulher e os meus filhos. Depois de alguns metros da minha mulher e aos meus filhos a frente, a uma distância de cinco metros. Corri ao encontro deles, como forma de dar tempo à minha mulher e aos meus filhos para fugirem. Quando cheguei ao pé deles, parei, perguntaram-me para onde ia e quem era. Respondi. E momentos depois, desatei a correr, gritando, «socorro, socorro, bandidos armados entraram na aldeia. Eles perseguiram-me, gritando, também, «está a mentir, está a mentir». Quando viram que já não me apanhavam começaram a disparar. Os milicianos responderam, mas por pouco tempo, não aguentaram, mas deu para que muitos aldeões fugissem. Depois dos milicianos recuarem, começaram com as suas chacinhas até perto das 22 horas, hora aproximada em que se afastaram um pouco da aldeia.

Cerca das 23 horas apareceu um pequeno contingente das nossas Forças reforçado com um carro de combate BTR que iniciou de imediato a perseguição aos malfeitores e os afastou totalmente da aldeia.

Este ataque, ainda segundo outras pessoas, é o 3.º desde 1985. Nos últimos tempos a aldeia conheceu momentos de paz.

Em Mumemo, o ambiente é de terror e de desolação e alguns moradores deixaram já a aldeia em busca de paragens mais seguras e mesmo para Maputo, para junto de familiares e amigos.

No nosso regresso a Maputo, a noite já ia longa, um velho, morador também de Mumemo comentava: **Mesmo que se pense em conversar com eles, já não vale nada. Os nossos familiares não ressuscitam.**

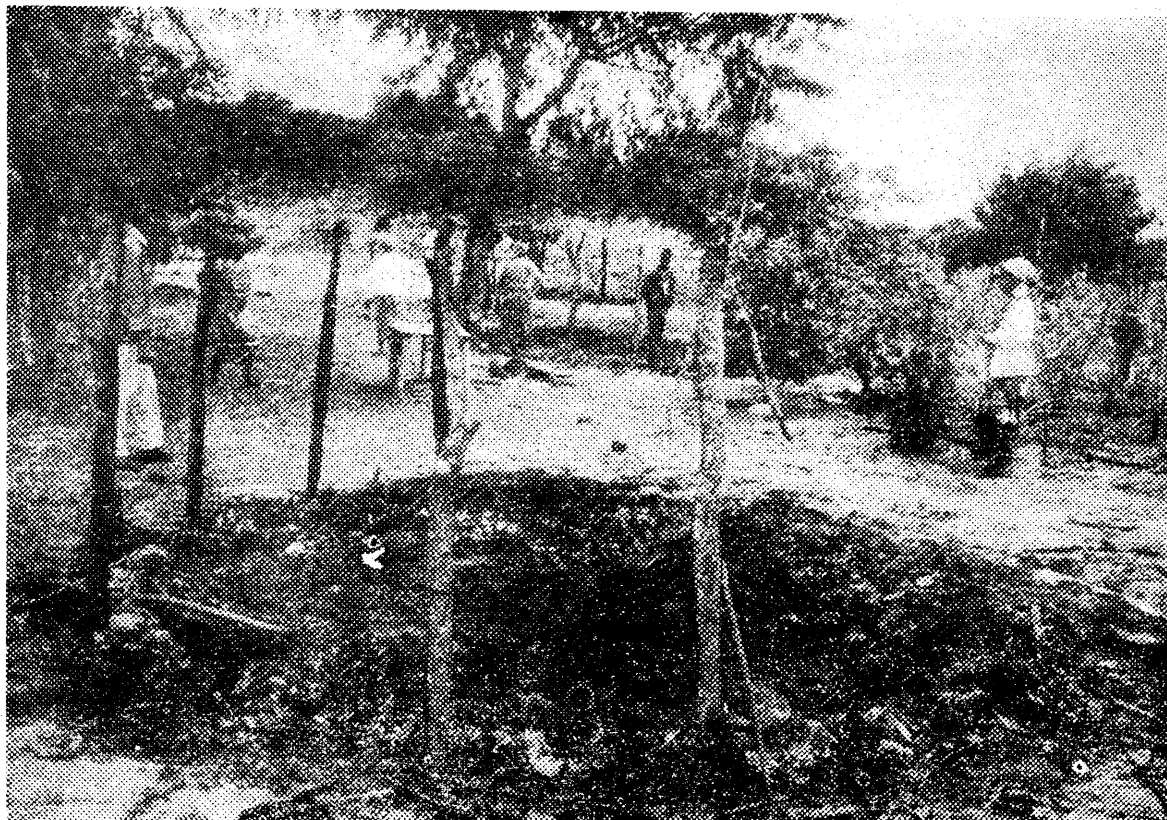
É melhor que morramos todos a conversarmos com esses criminosos.

GESTO DE SOLIDARIEDADE

Entretanto, abastecimento-socorro já foi levado ao local pelo Departamento Provincial de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais, em Marracuene.

Na quarta-feira, de manhã, o

DPPCN transportou para Mumemo 5 toneladas de milho e duas mil de feijão, bem como fardos de roupa diversa. Esta dose foi reforçada dia seguinte ao levar-se mais onze toneladas de milho e dois fardos de roupa. As operações de distribuição foram orientadas pelo delegado distrital da DPPCN em Marracuene, Salomão Jossias Honwana.



Na aldeia de Mumemo, em Marracuene, muito pouco ficou intacto depois da passagem dos bandoleiros. (Foto de A. Munguambe)